



***EDUCAÇÃO, SEXUALIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO:
O INSTAGRAM COMO ARTEFATO CULTURAL***

***EDUCACIÓN, SEXUALIDADES Y RELACIONES DE GÉNERO:
INSTAGRAM COMO ARTEFACTO CULTURAL***

***EDUCATION, SEXUALITIES AND GENDER RELATIONS:
INSTAGRAM AS A CULTURAL ARTIFACT***

*Davi Reis da Consolação*¹

*Ludmilla Carneiro Araújo*²

*Gabriela Silveira Meireles*³

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o Instagram como um Artefato Cultural produtor de currículos que contribuem para a formação sobre as questões de gênero e sexualidades. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa e análise de discurso na tentativa de analisar os discursos presentes em algumas postagens em perfis do Instagram que abordam as relações de gênero e sexualidade, bem como as interações de usuários, mapeando modos de pensar produzidos a partir do contato com as páginas. Conclui-se que o Instagram, como um artefato cultural, formativo e influenciador, está presente no cotidiano dos jovens e é capaz de, através dos perfis, postagens e interações, moldar os pensamentos e comportamentos dos usuários também no tema da sexualidade e dos gêneros, sendo capaz de produzir ações comprometidas com a diversidade e com uma sociedade com menos preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Instagram. Gêneros. Sexualidades. Artefato cultural.

¹ Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, Ubá, Minas Gerais, Brasil.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de Viçosa, Licenciada em Pedagogia, Professora no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, Ubá, Minas Gerais, Brasil

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, Ubá, Minas Gerais, Brasil.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar Instagram como un Artefacto Cultural productor de currículos que contribuyan a la educación en temas de género y sexualidades. Para ello, se llevó a cabo una investigación cualitativa y un análisis del discurso en un intento de analizar los discursos presentes en algunas publicaciones, en perfiles de Instagram que abordan las relaciones de género y sexualidad, así como las interacciones de los usuarios, mapeando modos de pensar producidos a partir del contacto con las páginas. Se concluye que Instagram, como artefacto cultural, formativo e influyente, está presente en la vida cotidiana de los jóvenes y es capaz, a través de perfiles, publicaciones e interacciones, de moldear los pensamientos y comportamientos de los usuarios también en el tema de la sexualidad y género, pudiendo producir acciones comprometidas con la diversidad y con una sociedad con menos prejuicios.

PALABRAS-CLAVE: Instagram. Géneros. Sexualidades. Artefacto cultural.

ABSTRACT

This research aims to analyze Instagram as a Cultural Artifact producing curricula that contribute to the education on gender and sexualities issues. For that, a qualitative research and discourse analysis were carried out in an attempt to analyze the discourses present in some posts, on Instagram profiles that address gender and sexuality relations, as well as the user interactions, mapping ways of thinking produced from the contact with the pages. It is concluded that Instagram, as a cultural, formative and influential artifact, is present in the daily life of young people and is able, through profiles, posts and interactions, to shape the thoughts and behaviors of users also on the subject of sexuality and gender, being able to produce actions committed to diversity and to a society with less prejudice.

KEYWORDS: Instagram. Genres. Sexualities. Cultural artifact.

Introdução

Vive-se hoje em um mundo marcado pela influência da internet, das redes sociais e da revolução digital. Essa realidade traz consigo uma diversidade de informações e aprendizados produzidos e divulgados diariamente através de textos, imagens, vídeos e mensagens que estão em circulação especialmente nas redes sociais. Dentre os temas debatidos nessas redes, estão, por exemplo, questões relacionadas a gênero e sexualidades.

Os/as estudantes que estão nas escolas estão também nas redes sociais, elaborando ou replicando conteúdos que dizem respeito, direta ou indiretamente, a tais assuntos. Diante disso, é de extrema importância entender como as redes sociais,

especialmente o Instagram, contribuem na formação dos modos de pensar e agir das pessoas.

Os acessos e as interações nas redes sociais acontecem com muita frequência, seja para partilhar informações, seja para troca de experiências, seja para momentos de lazer ou de estudo, entre outras diversas possibilidades. Dentro desse cenário, o Instagram surge como uma rede social que oferece todos esses meios de interação e comunicação, atingindo, principalmente, aqueles mais jovens que vivem, a todo momento, em contato com a internet e outros meios digitais. Vivemos o que Carvalho (2021) chama de sociedade em rede ou sociedade de controle. Segundo o autor, as “Pedagogias Ciber culturais” contribuem para nos tornarmos quem somos.

O Instagram é uma rede social que atinge a maioria das pessoas hoje no Brasil. Um estudo realizado pelo Opinion Box mostra que a popularidade dessa rede social vem crescendo, tendo um salto em 2022 de 84% para 92% no percentual de usuários que acessam a rede pelo menos uma vez ao dia. Outro dado importante desse levantamento, é que 44% dos jovens entre 16 e 29 anos indicaram o Instagram como a rede mais utilizada em seu cotidiano (D’ANGELO, 2022).

Nessa perspectiva, essa rede social é considerada um artefato cultural/um artefato ciber cultural (CARVALHO, 2021) que educa e contribui para a formação dos pensamentos e atitudes das pessoas. No contexto da pedagogia cultural, as redes sociais podem ser consideradas um tipo de “currículo cultural” que “ensina comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2001, p. 144).

Por tudo isso, este trabalho tem como objetivo analisar o Instagram como Artefato Cultural produtor de currículos que contribuem para a formação sobre as questões de gênero e sexualidades. Para tanto, a questão de pesquisa que se coloca é a seguinte: quais conhecimentos estão sendo produzidos através do Instagram, que produzem as subjetividades e os modos de agir e pensar sobre as questões sexuais e de gênero presentes na sociedade atual?

Artefatos culturais e a construção das relações de gênero e sexualidades

Desde os primórdios da vida social, homens e mulheres estabeleciam direitos e deveres marcados pelo modelo patriarcal e machista, no qual a construção das sexualidades e das relações de gênero aconteciam pelos ensinamentos e pela pouca

experiência dos pais, responsáveis ou daqueles que faziam parte do convívio social dos jovens (AMARAL et al., 2017).

Nesse processo de formação, Louro (2008) destaca que as construções acerca das relações de gênero e sexualidades se dão nas diversas esferas sociais em que o ser humano está inserido, dando destaque às instituições familiares, às religiosas e às escolares. Essas instituições sempre foram responsáveis por apresentar orientações e por contribuir na produção de comportamentos.

A partir do final da década de 1970, os movimentos feministas e os primeiros grupos gays começaram a se organizar. Eles colocaram em pauta assuntos importantes, muitas vezes silenciados pela sociedade, como a desigualdade entre os gêneros, o machismo, a discriminação, dentre outros. A escola e os meios de comunicação eram espaços utilizados por esses grupos para favorecer essa discussão, problematizando-a e encontrando caminhos para promover novas formas de ser e estar no mundo (FERRARI; CASTRO, 2016).

A problematização das sexualidades e das relações de gênero passa a ganhar visibilidade a partir da década de 1990. Destaca-se, como ponto de avanço nessa discussão, o surgimento do HIV, que assombrou a sociedade na imagem de corpos doentes, com sinais externos de um vírus que atacava a todos/as e era transmitido, na maioria das vezes, nas relações sexuais sem preservativos, em contraponto com o ideal de corpos saudáveis, “sarados” e que afetava a todos/as: homens e mulheres, velhos e jovens, héteros e homossexuais (WEEKS, 2019).

Com as inúmeras transformações sociais e o advento das tecnologias digitais, a sociedade atual passou a vivenciar novas formas de produção de saberes com a difusão em massa de informações diversas, passando a contribuir no modo como os/as jovens lidam com sua formação, também relacionado às questões de gênero e sexualidades (EISENSTEIN, 2013). Diante dessas transformações, percebe-se, também, os diversos aparatos formadores presentes na sociedade atual, dentre os quais destaca-se a internet com suas ferramentas diversas, capazes de alcançar um número grande de pessoas e, assim, colaborar na construção do sujeito. O Instagram surge como um desses artefatos apresentando informações variadas sobre o tema. Nesse sentido, o Instagram, como um artefato cultural, é capaz de contribuir na formação, ensinando, educando e produzindo sujeitos (MEIRELES, 2017).

Com a internet e, principalmente, com o surgimento das redes sociais, Eisenstein (2013) aponta para uma outra revolução nos modos como se aprendem e se manifestam

as sexualidades. Em meio à cultura digital, muitos/as jovens iniciam seu conhecimento sexual e seus relacionamentos de maneira livre, com informações obtidas através de diversos tipos de pessoas, no isolamento de seus quartos e no anonimato que a tela de seu computador oferece. Nesse sentido, as redes sociais estão, de certo modo, dando visibilidade a questões que, até então, eram consideradas tabus, fazendo com que muitos/as jovens se sintam aceitos/as e acolhidos/as em grupos que comungam das mesmas ideias. Ao mesmo tempo, existe, também, uma difusão de preconceitos disseminados pelas redes sociais.

As redes sociais como pedagogia cultural

De acordo com a pesquisa realizada pela Opinion Box, há um aumento exponencial na utilização do Instagram pela sociedade, principalmente por pessoas mais jovens, que utilizam essa rede para publicar suas atividades cotidianas e buscar informações sobre temas diversos (D'ÂNGELO, 2022).

O Instagram é uma rede social que favorece a publicação de imagens e vídeos. Essa rede apresenta em seu sistema algoritmos que são conjuntos de critérios e cálculos para determinar os principais posts que irão aparecer no *feed*, para os usuários, a partir dos acessos que eles realizam (MLABs, 2021). Diante disso, as pessoas têm acesso a publicações a partir dos conteúdos acessados nessa rede, podendo ser sugeridos aos usuários posts que se identificam com o que é pesquisado na rede ou até mesmo apresentando aquelas postagens com maior número de acesso, de curtidas, de comentários e de compartilhamentos.

De acordo com Goellner (2013), o processo educativo acontece em contextos variados, dentro e fora da escola, incorporando no sujeito marcas diferentes que favorecem sua formação. Nesse sentido, o Instagram surge como um artefato cultural, que, segundo Campos e Paraiso (2015), cumpre a função de ensinar o certo e o errado, divulgando práticas discursivas que formam o sujeito. Essa rede social se constitui enquanto uma pedagogia cultural, que é capaz de ensinar comportamentos diversos, procedimentos, modos de agir e valores que são considerados desejáveis dentro da sociedade (PARAÍSO, 2001).

Com essa diversidade de possibilidades de formação do sujeito nos mais variados contextos em que estes se encontram inseridos, é de extrema importância reconhecer que artefatos como o Instagram têm produzido e divulgado informações

relevantes, assim como saberes específicos, que atuam na produção dos sujeitos e na constituição de seus modos de pensar e agir, inclusive no campo das sexualidades e das relações de gênero.

Essa construção das identidades de gênero e das sexualidades acontece, segundo Louro (2008), de forma minuciosa, sutil, sendo sempre um processo inacabado, ocorrendo nas mais distintas situações dentro de um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, acontecendo através de práticas diversas e aprendizagens variadas em todos os contextos sociais e culturais em que o sujeito está inserido.

Ao falarmos de identidades sexuais, estamos nos referindo às formas pelas quais os sujeitos vivem seus desejos e prazeres corporais com seus parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto; maneiras essas que são muitas e diversas (LOURO, 2014). Ainda sobre a identidade sexual, Weeks (2019, p. 48) propõe que “é uma questão claramente crítica e política, merecendo uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosa”.

Quando, porém, trata-se das identidades de gênero, Meyer (2013) aponta que, durante a vida, no contexto social em que estamos inseridos, os sujeitos vão se constituindo como homem ou mulher, existindo assim muitas formas de definição e vivência da feminilidade e da masculinidade.

Com isso, o Instagram surge como uma possibilidade de educação e de formação do sujeito, como um currículo, capaz de ensinar diante das inúmeras possibilidades de contato com informações. O processo educativo é produzido a partir dos diversos currículos. O currículo é, portanto, considerado uma “pedagogia cultural” que engloba os mais diversos artefatos. A noção de currículo, aqui, vai muito além do tradicional ensinado nas escolas, abrangendo também o Instagram como um artefato cultural produtor de saberes (MEIRELES, 2017).

A noção de currículo que é trazida neste artigo extrapola a ideia de currículos hegemônicos que são ensinados nas escolas, nas universidades ou em outros espaços de ensino. O currículo nessa perspectiva envolve o estudo de artefatos que também educam e participam da produção de sujeitos (PARAÍSO; SANTOS, 2006).

O currículo cultural, portanto, pode ser visto como parte de uma "pedagogia cultural" (PARAÍSO, 2001), que, de maneira mais ampla, nos ensina comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, através de diferentes artefatos, como por exemplo o Instagram.

O Instagram como parte da sociedade pedagógica

Quando pensamos na realidade social atual, temos presentes as diversas possibilidades de contato com as mais diferentes informações, advindas dos avanços das tecnologias digitais, que diminuíram as distâncias, apressando a chegada das notícias e disponibilizando, através da internet, as mais distintas informações sobre os mais variados temas.

Toda essa gama de informações a que as pessoas estão expostas, contribui para a formação dos modos de ser e estar no mundo, fazendo com que esses sujeitos aprendam de diferentes formas, inseridos no que se denomina, de acordo com Serres, “sociedade pedagógica”, na qual a informação se torna disponível em toda parte, em diferentes contextos e de variados modos (TEIXEIRA, 2000).

Sobre a sociedade pedagógica, Severo (2015, p. 563) afirma que:

essa sociedade intensifica as práticas pedagógicas e transpondo-as do espaço escolar para outros nichos institucionais extraescolares. Essa sociedade intensifica os processos formativos e integra-os a outros processos sociais, tornando-os cenários de possibilidades de ensino-aprendizagem e políticas próprias para estruturar determinados ideais e mecanismos de formação do sujeito.

De acordo com Magalhães e Ribeiro (2013), as construções sobre gênero e sexualidades na nossa sociedade não são neutras; elas estão inseridas em um contexto social e histórico. Esse contexto interfere na construção dos modos de ser, pensar e agir de homens e mulheres que estão imersos em um determinado ambiente social e influenciados diretamente por ele.

Nesse processo de formação de identidades, as redes sociais desenvolvem importante tarefa e se tornam um ambiente propício para que as pessoas possam trocar informações e, assim, construir-se enquanto sujeitos sexuais em contato com diferentes gêneros.

Para os adolescentes, que não se sentem compreendidos na família ou não encontram melhores oportunidades no “mundo real” e se sentem isolados, as redes sociais desempenham, cada vez mais, o papel de “ponte de comunicação” nas “salas de bate-papo”, fóruns e oportunidades de jogos interativos. (EISENSTEIN, 2013, p. 66).

Esse modo de ver e pensar as relações de gênero é apresentado nos diversos perfis existentes no Instagram, acompanhados de visões distintas e capazes de contribuir para a formação dos jovens, que estão vivenciando um processo de formação e desenvolvimento a partir dos currículos produzidos nas redes sociais. Ao passo em que as redes sociais podem se mostrar como locais de aceitação da diferença, também existem páginas de cunho preconceituoso e conservador quando o assunto é relações de gênero e sexualidades.

Carvalho (2021) chama de “Pedagogias Ciber culturais” os processos formativos que são impulsionados a partir destes artefatos culturais presentes na internet. Segundo o autor, essas pedagogias são partilhadas, viralizadas e experienciadas todos os dias, ao passo que os usuários de tais redes vão incorporando aprendizagens por meio de intensos processos formativos.

A partir das “Pedagogias Ciber culturais”, Carvalho (2021) desenvolve o conceito de “Pedagogias Ciberfascistas” que, segundo ele, são conteúdos compartilhados e disseminados com o objetivo de propagação de ódio às diferenças. Em contrapartida, há também nessas redes movimentos que ele chama de “insurgentes”, antifascistas, que incitam afeto, solidariedade e colaboração, e que são mobilizadas com o objetivo de encorajar, anunciar intervenções de luta e potencializar discussões a favor das diferenças, o que ele chama de “Pedagogias Ciberinsurgentes”.

Diante disso, é importante perceber o poder das redes sociais, de maneira particular o Instagram, na formação desses sujeitos. Essas produções podem gerar situações diversas, desde um maior empoderamento, gerando respeito e aceitação da diversidade, até mesmo situações de não aceitação, ao entrar em contato com discursos de ódio repletos de preconceito diante das diferenças.

As relações sociais no Instagram: uma possibilidade de formação significativa para os jovens sobre gênero e sexualidades

Consideramos para este trabalho que o sujeito é constituído, formado e compreendido através de discursos produzidos e divulgados (MEIRELES, 2017). Nesse sentido, diversos canais podem participar desse processo, dentre eles as redes sociais. As redes sociais podem ser comunidades virtuais, também chamadas de *sites* ou ambientes constituídos na prática e luta cotidianas, sociopolíticas, que utilizam esse ambiente para interação e troca de informações sobre temas distintos (AGUIAR, 2007).

O Instagram é uma rede social com mais de um bilhão de usuários ativos mensais, que consomem diversas informações distribuídas em páginas de pessoas reais que produzem muitos tipos de conteúdo. Nesse sentido, o Instagram desempenha papel formativo através de seus inúmeros perfis, postagens, compartilhamentos e difusão de informação, também sobre as relações de gênero e sexualidades, auxiliando na construção de sujeitos. O Instagram, como uma forma de currículo cultural (MEIRELES, 2017), exerce, através de suas postagens e das interações realizadas nelas, o poder formativo.

Podemos citar diversos tipos de perfis (de fofoca, de famosos, de cantores, de influenciadores que divulgam mensagens sobre as diversas sexualidades e gêneros ou de pessoas comuns) que produzem e divulgam informações sobre as relações de gênero e sexualidades, mesmo que de forma não-intencional influenciando assim no modo como as pessoas constroem suas percepções sobre o tema. A erotização dos corpos, a sensualidade, os casos de traição conjugal, a divisão de tarefas entre homens e mulheres, os abusos sexuais, as notícias de morte de pessoas trans e homossexuais são informações apresentadas nesses perfis, capazes de produzir modos de pensar e agir em função dos conteúdos divulgados nesta rede social (WEEKS, 2019).

Alguns desses perfis trazem também algumas informações imprecisas ou discursos preconceituosos, de modo a não favorecer a formação de um sujeito crítico em relação às temáticas aqui estudadas, sem que haja uma transformação em seus modos de pensar e agir no que se refere às questões de gênero e sexualidades (LOURO, 2014). Em contrapartida, há diversos outros perfis buscam difundir informações que favoreçam superar situações de bullying, racismo, preconceito. Perfis que utilizam o poder advindo de suas publicações para formar sujeitos capazes de contribuir positivamente e favorecer um diálogo construtivo com as inúmeras formas de gêneros e sexualidades.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho tem como objetivo analisar os currículos produzidos a partir das páginas do Instagram que contribuem para a formação sobre as questões de gênero e sexualidades. Para isso, classifica-se como uma pesquisa qualitativa, uma vez que não emprega dados numéricos, que produz achados não acessíveis aos procedimentos estatísticos (FLICK, 2008). O autor afirma que “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”

(FLICK, 2008, p.20). Esse tipo de pesquisa ocupa um lugar reconhecido entre as inúmeras possibilidades para se conhecer e estudar os fenômenos humanos e suas diversas relações sociais nos mais variados ambientes em que este se encontra inserido (GODOY, 1995).

De acordo com o *site* Escola de E-commerce, (2022), o Instagram é uma das maiores redes sociais da atualidade, atingindo hoje cerca de 122 milhões de pessoas, apresentando, assim, uma ampla possibilidade de estudo dos discursos e informações postados nos perfis desta rede social que, direta ou indiretamente, apresentam a temática gênero e sexualidades, tema deste trabalho de pesquisa.

A investigação foi realizada a partir do acesso a cinco perfis que têm como foco temas relacionados às relações de gênero e sexualidades e de outros perfis que não tratam especificamente desses assuntos, mas que também os abordam analisando algumas postagens que esses perfis fizeram sobre o assunto no ano de 2022, e buscando entender a mensagem que essas publicações passam aos que as acessam. Os perfis escolhidos apresentam informações recentes sobre os temas investigados (direta ou indiretamente), sendo eles: “Mídia Ninja”; “Quebrando o Tabu”; “Brasil paralelo”, “Feminismo sem demagogia” e “Gênero, sexualidade e educação”.

A escolha de tais perfis se justifica devido ao fato de apresentarem grande número de seguidores e de usuários que interagem nas publicações, com exceção do perfil “Gênero, sexualidade e educação”. Além disso, são perfis que produzem, dentre as inúmeras postagens, algumas sobre as questões de gênero e sexualidades.

O período escolhido para pesquisa, o ano de 2022, se dá em um contexto de aumento significativo do uso dessa rede social, principalmente entre os jovens, o que fica comprovado na pesquisa realizada pela Opinion Box (D’ANGELO, 2022). Além disso, a pandemia da COVID-19 também contribuiu para um aumento do uso das redes sociais.

A escolha das postagens se deu mediante o grande número de interações que essas obtiveram: curtidas, comentários e compartilhamentos. Os perfis apresentavam postagens variadas com diferentes temas, mas optamos por utilizar as publicações com mais interações dentro do recorte temporal definido e que abordavam as relações de gênero e sexualidades. Optamos também por escolher perfis diversos, sendo quatro considerados progressistas e um conservador, para apresentar ao debate diferentes percepções de currículos produzidos nas redes.

Diante disso, foi utilizada a análise de discurso como uma metodologia de pesquisa, uma vez que ela foi utilizada para analisar os resultados encontrados, advindos dos diferentes discursos apresentados nos perfis pesquisados, através dos conteúdos divulgados nas postagens de textos, vídeos, músicas, imagens, além de alguns comentários realizados por seguidores das páginas. A análise de discurso consiste no estudo de uma produção textual inserida em determinado contexto, que apresente questões teóricas relativas ao sujeito e a algum tipo de ideologia (MUSSALIM, 2001). Essa metodologia parte do pressuposto da materialização do discurso, sua análise está sempre se modificando e que apresenta o homem como um sujeito concreto e histórico, porta-voz de um discurso social (BRANDÃO, 2009).

Para a análise do discurso, as palavras e os discursos não servem apenas para expressar ideias, mas também têm o intuito de ocultá-las. Nesse sentido, ela se faz cada vez mais presente no cenário das pesquisas, principalmente das Ciências Humanas, buscando decifrar as intenções do discurso, o que interessa bastante aos pesquisadores da abordagem qualitativa de pesquisa (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014).

A pesquisa em questão se deu em um ambiente de domínio público, não necessitando de autorização dos participantes e nem de sigilo dos nomes, pois essas informações já estavam publicadas na referida página (MEIRELES, 2017). Foram escolhidos perfis que costumam realizar publicações sobre temas polêmicos, sendo escolhidos alguns com ideais mais conservadores e outros mais progressistas. No contato com tais publicações é que foram surgindo as possibilidades de análise dos resultados encontrados.

Resultados e discussão

O presente trabalho mergulhou na rede social Instagram para analisar de que modo ela contribui para a constituição dos sujeitos, mais especificamente em relação à compreensão das questões de gênero e sexualidades, uma vez que lá se encontram disponíveis uma diversidade de conteúdos e postagens relacionadas a esses temas.

Como artefato cultural, o Instagram é responsável por produzir e divulgar conhecimentos, além de ensinar os sujeitos sobre como devem pensar e agir, educando-os através das inúmeras postagens e interações que circulam em diversas páginas ou perfis. Ainda nesse sentido, essa rede social contribui para a construção do

comportamento dos jovens, os quais geralmente têm o hábito cotidiano de acessá-la para buscar informações e opiniões sobre temas variados (MEIRELES, 2017).

Esses processos formativos, segundo Goellner (2013), acontecem de forma complementar à educação formal, de modo que “filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam” (GOELLNER, 2013, p. 31).

Diante dessas inúmeras possibilidades pedagógicas do Instagram, está a de formar os sujeitos no que tange às temáticas aqui estudadas e analisadas. Nesse sentido, os perfis pesquisados foram: @midianinja, @quebrandootabu, @brasilparalelo” @feminismo_semdemagogia e @gênero_sexualidade_educacao. Os perfis foram escolhidos tendo em vista o estilo de postagem que realizam. Os posts utilizados nessa pesquisa foram do ano de 2022. Todos os perfis apresentam um viés político e ideológico, apresentando em suas páginas contribuições sobre o tema a partir da visão que possuem. Os perfis “Quebrando o Tabu”, “Mídia Ninja”, “Feminismo sem Demagogia” e “Gênero, sexualidade e educação” possuem uma ideologia com visões mais liberais e progressistas; já o perfil Brasil paralelo apresenta ideias mais conservadoras e tradicionais a respeito dos temas que aborda. O perfil “Gênero, sexualidade e educação” tem menos seguidores, é produzido por estudantes da disciplina “Gênero, sexualidade e educação”, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora com o objetivo de divulgar conteúdos para educar as pessoas para as questões de gênero e sexualidades possuindo uma visão sem preconceitos.

O primeiro perfil pesquisado foi o “Mídia Ninja”, um perfil de jornalismo e narrativas independentes, que conta com 1,3 milhões de seguidores e apresentava em sua página, no momento da pesquisa, uma média de 48 mil postagens sobre temas diversos. Suas postagens tratam de temas políticos atuais, defesa da democracia, da liberdade de expressão, da igualdade de direitos, contra o racismo e qualquer tipo de preconceito, entre eles preconceitos de gênero e sexualidades.

Dentre as inúmeras postagens feitas nesse perfil, destacamos uma do dia 02 de setembro de 2022 que trata dos casos de LGBTfobia no futebol. Sabemos que o ambiente futebolístico é prioritariamente masculino e, nesse meio, os atletas sentem aflorar inúmeros casos de violência, negligências e ações dos clubes e torcidas em relação ao tema. O perfil traz, nessa postagem, o resultado de um relatório inédito que denuncia esses casos no futebol brasileiro. Esse relatório teve início em 2019, através do

Coletivo de Torcidas Canarinhos LBGTQIA+, que reúne 19 torcidas de 18 times de futebol das séries A, B, C e D. O relatório denunciou 42 casos de LBGTfobia no futebol e apresentou casos envolvendo diversos clubes do futebol brasileiro. O documento, inédito, tem como objetivo principal motivar as instituições envolvidas a buscar desenvolver projetos, criar campanhas e ações que transformem o futebol em um ambiente mais inclusivo, diversificado e democrático.

Figura 1: Postagem da Página do Instagram “Mídia Ninja”

Fonte: Instagram, 2022

A imagem que acompanha a postagem apresenta uma bola nas cores da bandeira do movimento LBGTQIA+ e traz uma legenda dando destaque à palavra “histórico”, mostrando que esse relatório é algo de extrema importância, e fazendo uma denúncia de variados casos de LBGTfobia no ambiente futebolístico. Ao utilizar o termo “denúncia”, o autor do *post* quer apresentar que existem crimes dentro desse ambiente e, ao utilizar a palavra “inédito”, sugere que é a primeira vez que esse relatório acontece apresentando esses crimes e dando espaço para que essas situações sejam investigadas e punidas.

A postagem analisada apresentou 4.596 curtidas e inúmeras interações através de comentários e compartilhamentos. Muitos comentários deixam claro que o problema é algo que já existe há tempos nesse ambiente, não gerando, assim, novidade alguma; outros apresentam o relatório como um grande avanço, capaz de favorecer melhorias nesse ambiente tão influenciado pela cultura masculina e marcado por casos de preconceito. Dentre os diversos posicionamentos apresentados na publicação

destacamos: “*essa é uma luta árdua e difícil, mas temos dado passos muito importantes e acredito que esse documento ajudará ainda mais a subsidiar os agentes internos e externos do futebol fazendo com que avancemos no combate a lgbtfobia*” (@usuário1⁴); O perfil @usuário2 diz que “*0 (zero) novidades. Fico imaginando o tanto de atleta lgbtqi que ficou sem reconhecimento e/ou até mesmo pelo meio do caminho por conta desse preconceito no futebol. O futebol nunca foi inclusivo em nada, machista e preconceituoso puro*”.

É importante destacar, nos comentários acima citados, alguns vocábulos que nos ajudam a entender a realidade desses crimes, presentes no ambiente do futebol. Quando trazem o termo “luta árdua”, o autor do comentário quer sugerir que esse problema não é novo e exige muitos esforços para ser solucionado. Outros termos presentes em outro comentário, “*nada, machista e preconceituoso puro*”, deixam claro como são as relações dentro desse ambiente, destacando que o futebol não gera inclusão; é marcado por inúmeros preconceitos e se apresenta como um ambiente extremamente machista.

Esses comentários demonstram a realidade do futebol brasileiro, marcado pela presença masculina e pela grande quantidade de casos de preconceito que excluíram inúmeras pessoas pelo simples fato de terem uma orientação sexual que foge dos padrões de heteronormatividade. Postagens como essa demonstram um avanço, pois buscam conscientizar torcedores, atletas e clubes do problema existente, abrindo caminhos para a superação de todo tipo de preconceito relacionado a questões sexuais e de gênero. Em uma sociedade patriarcal e machista (AMARAL *et al*, 2017), tratar desse assunto nesse ambiente marcado pela figura masculina heteronormativa, apontando casos de violência, permite a formação de uma maior consciência da população brasileira, já que as pessoas apaixonadas pelo futebol e por seus clubes podem, através dessas ações contra o preconceito de gênero e orientação sexual, tornar-se pessoas mais comprometidas pela busca de um lugar mais democrático, diverso e de acesso para todos/as.

Na certeza de que o processo formativo acontece nos diversos ambientes em que o sujeito está inserido (MEYER, 2013) e influenciados pelos discursos produzidos nesses cenários, falar sobre questões relacionadas à LGBTfobia é um caminho de aprendizagem que garantirá a formação de indivíduos cada vez mais comprometidos

⁴ Os perfis de seguidores das páginas foram apresentados utilizando o termo “usuário”, buscando manter o sigilo dos perfis utilizados.

com a dignidade de todas as pessoas e com a liberdade de viver suas afetividades nos diversos gêneros.

Uma outra postagem apresentada na mesma página – Mídia Ninja - trata da diminuição do uso de camisinhas nas relações sexuais entre os/as adolescentes brasileiros. A publicação é do dia 23 de julho de 2022 e teve mais de 67 mil curtidas, gerando interações diversas a respeito das consequências dessa diminuição do uso de preservativos entre os/as adolescentes. Os internautas destacam o aumento das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e da gravidez nessa fase da vida. A postagem apresenta que o percentual de adolescentes de 13 a 17 anos que usavam camisinha era de 74,1%, em 2009, passando por uma queda ao longo dos anos e chegando a 53,5% no ano de 2019. Essa queda é extremamente preocupante e evidencia o aumento das relações sexuais entre adolescentes sem o uso de preservativos.

Muitas interações feitas nessa postagem questionam sobre a importância da educação sexual nas escolas: *“mas não pode nem falar disso nas escolas né? Complicado. Como ter educação sexual num país desse nível?”* questiona o perfil @usuário3. Outra colocação é do @usuário4: *“tá aí a importância da educação sexual nas escolas, Mídia!”*. Muitos outros comentários justificam o fato do baixo índice de uso de preservativos e o aumento das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência: *“o aumento da taxa de natalidade e doenças vem com força.”* (@usuário5). E ainda: *“há anos não tem mais campanha sobre o uso de preservativo. Infelizmente as pessoas vivem numa bolha em pleno século 21, educação sexual tinha que ser indispensável nas escolas, muita coisa seria evitada”*, pondera (@usuário6).

É importante destacar que, mesmo com todas as campanhas de conscientização sobre a importância do uso da camisinha realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), inclusive com a distribuição gratuita de preservativos, os números apresentados na postagem mostram uma diminuição no uso de camisinha entre o público mais jovem.

Figura 2: Postagem da Página do Instagram “Mídia Ninja”

Fonte: Instagram, 2022

Analisando a produção linguística do texto apresentado na postagem, percebe-se a frase sendo iniciada por um verbo. A utilização desse verbo, “cair”, demonstra uma ação que está acontecendo. Ação esta que está apresentada no tempo presente, deixando claro que essa diminuição do uso de preservativos está acontecendo hoje.

A publicação atingiu diversos jovens podendo ter influenciado os seus modos de pensar e de agir na hora de ter relações sexuais. Algumas pessoas que interagem na página demonstraram acreditar que essa diminuição nos números se dá pelo pouco acesso à informação e pela falta de campanhas de conscientização, como apresentado por uma seguidora em seu comentário. Essa publicação é capaz de produzir conhecimentos/currículos (PARAISO, 2011) que podem contribuir para a formação dos/as leitores/as sobre algumas questões envolvendo relações sexuais. É uma postagem capaz de contribuir para que haja uma maior utilização de camisinhas na tentativa de se protegerem de doenças sexualmente transmissíveis e evitarem gravidez na adolescência. Além disso, a postagem suscitou a importância da educação sexual nas escolas, algo que tem sido tema de discussão atualmente.

A segunda página pesquisada foi a “Quebrando o Tabu”. A página tem 8,2 milhões de seguidores e mais de 12 mil publicações sobre temas diversos, destacando temas políticos e relacionados à luta contra os diferentes tipos de preconceito existentes na sociedade brasileira. Diversas postagens dessa página buscam conscientizar seus

usuários sobre a importância do respeito, da empatia e da tolerância; exemplo disso é uma postagem realizada no dia 19 de agosto de 2022, no “Dia Nacional do Orgulho Lésbico”. A publicação apresenta frases que as lésbicas sempre ouvem e teve mais de 24 mil curtidas e inúmeras interações através de comentários e compartilhamentos.

Figura 3: Postagem da Página do Instagram “Quebrando o Tabu”

Fonte: Instagram, 2022

O post acima traz quatro frases preconceituosas e novas maneiras de se expressar mediante essas colocações. Como exemplo, a frase: “quando você era heterossexual” substituindo-a por “quando você ainda não se percebia lésbica”; outro exemplo: a frase “você ainda não encontrou o homem certo” substituindo-a por “que legal que você encontrou alguém de quem gosta”. Sugeriram também trocar a frase: “tudo bem ser lésbica, mas não precisa demonstrar afeto em público” por “todo mundo tem direito de expressar seu afeto!”; ao invés de usar “tudo bem você ser assim, mas não precisa se expor” use “sua visibilidade abre caminho para outras mulheres” (@quebrandootabu, 2022).

Essas novas possibilidades de discurso favorecem o respeito, a empatia e desconstruem o preconceito. Usar essas frases no cotidiano demonstra conhecimento e abertura às diversas manifestações sexuais e de gêneros presentes na sociedade. Apresentar esse assunto em uma rede social tão presente na vida dos jovens é um caminho que favorece o cuidado e o respeito, mostrando a esses usuários que algumas frases, mesmo parecendo naturalizadas e usadas quase que diariamente, podem gerar

situações de preconceito e criar problemas diversos. Além disso, vale destacar que a postagem apresenta pontos do discurso que precisam ser evitados, tornando-se um artefato cultural, um currículo (PARAÍSO, 2001) capaz de levar as pessoas a refletirem sobre situações de preconceito, promovendo mais respeito e empatia.

Nesse sentido, o modo como falamos pode influenciar nas nossas relações interpessoais, podendo empoderar as pessoas ou até mesmo gerar situações conflituosas e de preconceito (MEYER, 2013). Nas redes sociais não é diferente. Um exemplo disso é essa publicação, que parece pretender modificar o que os jovens pensam sobre a lesbianidade, fazendo-os eliminar possíveis preconceitos, a partir da apresentação de frases que são preconceituosas se contrapondo a outras que não são.

Podemos dizer que postagens como essa são chamadas também de “Pedagogias Ciberinsurgentes”, pois são criadas com o objetivo de promover discussões a favor das diferenças, incitando afeto, empatia, solidariedade, e sentimento de luta. (CARVALHO, 2021).

Por fim, vale destacar nesse post a utilização do adjetivo “cansada”. Ao utilizar esse termo, o autor deixa claro que essas atitudes são constantes, acontecem sempre e por isso as pessoas estão cansadas de conviver com isso. Uma pessoa cansada é uma pessoa que vivencia muitas experiências ao mesmo tempo, repetidas vezes, o que a deixa nesse estado, físico e emocional.

A terceira página investigada foi a do “Brasil Paralelo”, que tem 1,7 milhões de seguidores e uma média de 3 mil publicações sobre temas políticos variados, apresentando séries, documentários e entrevistas sobre os mais diversos assuntos da sociedade brasileira. É uma página com uma ideologia política diferente das estudadas até agora: Brasil paralelo é conservadora e tradicionalista.

Uma das postagens em destaque trata da divulgação de uma aula aberta sobre o aborto.

Figura 4: Postagem da Página do Instagram “Brasil Paralelo”

Fonte: Instagram, 2022

A publicação, realizada no dia 11 de maio de 2022, teve mais de 3 mil curtidas e variadas interações. A postagem apresenta o tema da aula: “aborto: quem é a verdadeira vítima”. Nessa postagem, as variadas colocações dos/as internautas são contrárias a essa prática, considerando “assassinos/as” aqueles que a realizam e apresentam a criança como a principal vítima desse ato.

A postagem quer deixar claro que esse procedimento apresenta uma vítima. Vítima é toda pessoa que sofre alguma ação, podendo ser violentada, torturada, executada por outra. Nesse sentido, o post apresenta a criança como principal vítima desse ato e a mulher como a criminosa que realiza as ações de matar essa criança.

Dentre essas colocações destaca-se a opinião de @usuário7 contrária ao aborto:

Sempre o feto, que não tem opção de escolha. Aborto deve ser proibido de todas as formas, pois de nada adianta ter leis contra violência infantil, da mulher, constituição garantindo a vida em primeiro lugar, quando aceitam uma mãe matar seu próprio filho. É tudo muito contraditório, além de que se garantir esse direito, a medicina vai ser jogada na lama, e a ética profissional perdida, quando pensamos que médicos salvam vidas e não matam.

O comentário acima traz alguns termos que valem a pena ser pensados. Quando a autora utiliza o termo “matar”, ela deixa claro uma atitude ilegal, punível e injustificável. A legislação pune os autores de tal crime com penas diversas e a sociedade julga esse ato como algo impensável e que deve ser rigorosamente punido. Ainda vale destacar uma posição contrária à apresentada acima que coloca a mulher

pobre como vítima apresentada por @usuario8: “a mulher pobre, [sic] porque a rica vai continuar fazendo”.

No comentário acima, quando a autora sugere que a regra de proibição ao aborto será válida apenas para as mulheres pobres, entende-se que as leis não são para todas. As mulheres ricas irão burlar a lei e encontrar caminhos para a realização desse ato de forma segura, tendo em vista que possuem condições financeiras para a realização desse procedimento. As leis brasileiras são para aqueles que não têm dinheiro. As pessoas com maior poder aquisitivo buscam, de formas variadas, pagando e indo muitas vezes para fora do Brasil realizar o procedimento citado, ao passo que as mulheres pobres acabam sendo punidas com a impossibilidade de realização ou com a realização de maneira precoce e perigosa.

Apresentar postagens sobre esse tema é de extrema importância para a formação de jovens e adolescentes, os quais, muitas vezes, são influenciados por seus pais, por suas religiões e pelas comunidades em que estão inseridos/as, de modo que possam criar as suas próprias ideias a respeito desse assunto, desenvolvendo possivelmente práticas menos preconceituosas do que as de gerações anteriores. Em uma sociedade marcada pelo machismo e pela imposição de preceitos religiosos, destaca-se nesta postagem o fato de apenas ressaltar o ponto negativo, ao apresentar somente as crianças como vítimas, não dando espaço para análise da situação das mulheres, de como ocorreu a fecundação ou das consequências da gravidez para a mulher.

Quando se apresenta uma postagem como essa, em momento algum é mostrada a posição da mulher no processo. Não existe nenhuma colocação sobre os perigos que a mulher está passando durante uma gravidez de risco ou as consequências de uma gravidez indesejada advinda de um estupro, por exemplo.

No que diz respeito ao direito de decisão da mulher, há muito tempo, o movimento feminista vem se atendo a uma ideia radical, isto é, de que mulheres são gente. O que significa ser gente? Grosso modo, poderíamos dizer que ser gente é ser um sujeito biológico, social e político, capaz de elaborar vivências autônomas. O feto não é um ser constituído de forma autônoma tanto biológica quanto social/judicialmente, portanto não constitui um corpo político. Assim sendo, por que sua vida deve ser mais importante do que a da mulher? Por que nós, mulheres, precisamos nos submeter ao privilégio de vida de um ser que ainda não existe de forma independente? Por que muitas mulheres precisam morrer em práticas de verdadeira carnificina? Nada disso deveria ocorrer em um Estado laico, isto é, que desse primazia a decisões racionais e tomasse tanto homens quanto mulheres como seres autônomos. (SILVA, 2012).

Além disso, segundo Carvalho (2021), publicações como essa podem ser consideradas parte de uma “Pedagogia Ciberfascista”, pois não dão espaço para discussão, para troca de ideias, ao passo que somente apresentam um ponto de vista, como no caso dessa em especial: o da criança como vítima.

Tratar desse tema em uma rede social de grande abrangência é complexo, pois o assunto ainda exige muito estudo, é preciso apresentar dados estatísticos reais como o número de morte de mulheres que praticam o aborto em condições inadequadas e mostrar outros argumentos e posicionamentos científicos sobre o assunto.

Vivemos em um país majoritariamente cristão e a influência religiosa ainda se faz muito presente nas diversas manifestações e decisões. Porém, é importante lembrar que o Brasil é um país laico e esses assuntos precisam ser apresentados sem influência de qualquer tipo de instituição religiosa. Sobre a questão da laicidade do Estado, Ganem (1988) destaca que na Constituição Federal de 1988, o caráter laico do Estado desponta de modo evidente, tendo em vista diversas questões engendradas pelo progresso da ciência e pela evolução do pensamento humano.

Ainda, nessa rede social, tão presente no cotidiano, destacamos a página “Gênero, Sexualidade e Educação”. Diferente dos demais perfis estudados, “Gênero, Sexualidade e Educação” é um perfil acadêmico, de uma renomada instituição de ensino de Minas Gerais. É um perfil com menos seguidores que os demais, mas de extrema importância, por ser de uma instituição acadêmica e ter como principal função a divulgação de conteúdos diversos sobre o assunto que está sendo estudado. Essa é uma página da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, vinculada à disciplina “Gênero, sexualidade e educação”, ofertada como disciplina eletiva no curso de Pedagogia e outras licenciaturas.

Uma publicação feita nesta página apresenta a escola como um lugar regulador e excludente:

Figura 5 – Postagem da Página do Instagram “Gênero, Sexualidade e Educação”

Fonte: Instagram, 2022

A postagem apresenta, na figura do arco-íris, o símbolo da comunidade LGBTQIA+ e marcas de sangue, representando o resultado de uma educação errônea e dispensadora de informações que cerceiam a liberdade, os diversos modos de vida e as diversas possibilidades de afetividades e gêneros. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira aponta em seu artigo 2º que a educação deve ser “inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Por ser uma página relacionada a uma instituição de ensino renomada, repleta de postagens advindas de um conteúdo programático de uma disciplina de um curso da área da educação, a página analisada se torna uma formadora de consciência quando apresenta em suas postagens informações capazes de produzir sujeitos mais críticos e abertos à diversidade, com conteúdos capazes de formar cidadãos cada vez mais envolvidos com a busca de uma sociedade para todos/as, onde não haja espaço para discursos de preconceito e ódio.

Sabemos que a escola é o principal ambiente educativo onde os/as jovens estão inseridos. É lá que eles têm acesso a diversas informações e, devido à grande diversidade de pessoas, modos de agir e pensar, torna-se também o ambiente com o maior número de episódios discriminatórios diante do diferente. A Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional do ano de 2016, que é um relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e

Transexuais – ABGLT, apresenta que 73% dos/as jovens ouvidos foram agredidos/as verbalmente por causa da sua orientação sexual; 27% foram agredidos/as fisicamente e 56% foram assediados/as nas escolas (ABGLT, 2016). Louro (2019, p. 35) relata que “meninos e meninas aprendem desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e sexualidade admitidos na cultura em que vivem”.

A última página analisada nessa pesquisa denomina-se “Feminismo sem demagogia”. É uma página que busca, através de suas postagens, lutar por um feminismo de gênero, classe e raça. Possui mais de 27 mil seguidores, trazendo mais de mil publicações que buscam exaltar o papel da mulher como protagonista de sua história. Sabendo que a sociedade brasileira é marcada pelo machismo e pela dominação masculina, uma página com essa é capaz de formar pessoas cada vez mais comprometidas com a luta em favor das mulheres, superando situações de preconceito de gênero e de discriminação pelo simples fato de serem mulheres. Essas situações são denominadas violência de gênero, que segundo Lisboa (2009), constituem-se e ampliam-se em atos físicos, psicológicos, econômicos, sexuais e socioculturais em que o poder masculino é ameaçado.

Um das postagens feitas nessa página relata o caso de uma garota de 18 anos, que foi morta a pedradas pelo ex-namorado, que ainda passou com o carro por cima dela na presença da filha do casal. Casos como esse retratado na postagem a seguir evidenciam o retrato da sociedade brasileira, com muitos casos de violência contra a mulher.

Figura 6: Postagem da Página do Instagram “Feminismo sem demagogia”

Fonte: Instagram, 2022

Sobre a violência contra a mulher, no primeiro semestre de 2022, como apontam dados apresentados pelo Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, a central de atendimentos registrou 31.398 denúncias e 169.676 violações contra os direitos das mulheres. O número de casos é maior ainda que as denúncias recebidas, pois uma denúncia pode conter mais de uma violação de direitos humanos (BRASIL, 2022).

O gráfico abaixo apresenta os dados referentes à violência contra as mulheres até a primeira metade do ano de 2022.

Figura 7: Gráfico sobre os dados da violência contra a mulher

Fonte: <https://www.gov.br/mdh/pt-br>

Como pode-se notar, o Brasil é um país perigoso para as mulheres viverem, devido ao grande número de casos de violência que as atinge. Apresentar em uma rede social este assunto é levantar um grito em favor dessas inúmeras vítimas e formar, principalmente, os/as jovens que têm acesso a essas informações, para que se tornem cidadãos mais comprometidos com a luta pela igualdade de direitos, para que se posicionem criticamente em relação às inúmeras formas de violência.

As relações de gênero e sexualidades ainda é uma discussão marcada por muitos tabus, informações incorretas e concepções bastante influenciadas pelas religiões, pelas comunidades, pelas escolas e pelas famílias que esses/as jovens estão inseridos. Por isso, tratar de forma correta esses temas e divulgar essas publicações são formas de abrir espaço para debates e posicionamentos construtivos, destituídos de preconceito. Esse é

um caminho produtivo para tornar a rede social do Instagram um espaço de potencialização das mudanças e, principalmente, de ressignificação dos preconceitos de gênero e sexualidades presentes na nossa sociedade.

Considerações Finais

Esta pesquisa problematizou o Instagram como artefato cultural, sendo muito acessível aos/às jovens deste século. Ele surge como um instrumento capaz de formar sujeitos em temas variados, através de suas postagens em perfis com conteúdos diversos, incluindo sobre relações de gênero e sexualidades, que foi o objeto de pesquisa deste trabalho.

Além de possuir vários perfis que divulgam conteúdos a respeito das relações de gênero e sexualidades, o Instagram também permite a interação entre usuários seguidores dessas páginas, que tem espaço para expor seus pensamentos e opiniões a respeito dos assuntos que estão em pauta nas postagens. A internet é um local onde as pessoas possuem espaço para se expressar, e essas formas de expressão também são consideradas formadoras dos sujeitos que estão ali participando ativamente.

A partir das análises de postagens e interações de usuários, observamos diversas postagens sobre o assunto em diferentes perfis, com informações e interações variadas. Existem nessa rede conteúdos que apresentam diferentes ideias, capazes de formar sujeitos empáticos e tolerantes com a diversidade, mas também sujeitos preconceituosos.

A maioria das postagens pesquisadas, no entanto, apresentam informações que levam os sujeitos a desenvolverem a empatia e a tolerância em relação às relações de gênero e às sexualidades. São postagens que motivam os usuários que a elas têm acesso, a criarem em seus ciclos sociais um ambiente mais diverso, no qual o respeito e a tolerância pelo diferente se fazem presentes. Percebe-se também nessas postagens que a maioria das interações realizadas busca incutir a ideia de que gêneros e sexualidades diversas não são algo problemático e ressaltam a importância de se trabalhar, discutir e apresentar conteúdos sobre o assunto.

Observa-se, também, que uma das páginas estudadas apresenta o tema baseando-se em considerações mais tradicionais, patriarcais e machistas, o que reflete ainda o retrato de uma boa parcela da sociedade conservadora atual. No entanto, acreditamos que mesmo essas postagens são capazes de favorecer a discussão e formar os sujeitos

que a elas têm acesso, podendo manter a concepção que já trazem sobre o assunto ou modificar o modo como convivem com o tema em discussão.

Com tudo isso, acredita-se que as redes sociais são capazes de, através de suas postagens, interações e compartilhamentos de informações sobre o tema nas páginas pesquisadas, produzir subjetividades e formar os modos de agir e pensar dos indivíduos sobre o gênero e as sexualidades, seja de forma positiva ou negativa e essa formação reflete nos diversos modos de se relacionar com o tema na sociedade.

Como artefato cultural produtor de currículos que formam os sujeitos, o Instagram, quando traz à tona a discussão sobre relações de gênero e sexualidades em seus perfis e postagens, abre espaço para o aprendizado, para a discussão, formando os sujeitos e dando oportunidades de criarem, nos diversos ambientes sociais em que estão inseridos, um espaço de maior convivência e respeito ao que se apresenta diferente.

Concluimos então, que o Instagram, como um artefato cultural, formativo e influenciador, está presente no cotidiano dos/as jovens e é capaz de, através dos perfis, postagens e interações, moldar os pensamentos e comportamentos dos usuários também sobre as relações de gênero e sexualidades, sendo capaz de produzir ações comprometidas com a diversidade e com uma sociedade com menos preconceito.

Referências

ABGLT. **As experiências de adolescentes e Jovens lésbicas, gays, bissexuais, Travestis e transexuais em nossos Ambientes educacionais** - Um Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. Disponível em: <https://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>. Acesso em 10 set. 2022.

AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais: Santos, 2007. p. 1-15.

AMARAL, Alice Mayra Santiago *et al.* Adolescência, Gênero e Sexualidade: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Contemporânea**. v. 6, p. 62-67, 2017.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos**. Brasil tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres até julho de 2022. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes->

[2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar](https://www.instagram.com/p/2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar) Acesso em: 10 set. 2022.

CAMPOS, Camila Amorim; PARAÍSO, Marlucy Alves. Raciocínios que generificam, diferenciam e hierarquizam no currículo da alfabetização de crianças. **VI Seminário Brasileiro e III Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**. Canoas, 2015. Disponível em: http://www.2015.sbece.com.br/resources/anais/3/1430103421_ARQUIVO_ArtigoSBECECamilaeMarlucy.pdf. Acesso em: 01 mai. 2022.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. **#PedagogiasCiberculturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos?** Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/17428/5/Tese%20-%20Felipe%20da%20Silva%20Ponte%20de%20Carvalho%20-%202021%20-%20Completa.pdf> Acesso em: 05 jul. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

D'ANGELO, Pedro. **Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento de usuários, hábitos e preferência no uso do Instagram**. Opinion Box, 2022. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

EISENTEIN, Evelyn. Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 61-71, abril, 2013.

ESCOLA DE E-COMMERCE. **Redes sociais mais usadas no Brasil**: veja o ranking atualizado e defina a melhor para o seu negócio. Escola de E-commerce, 2022. Disponível em <https://www.escoladeecommerce.com/artigos/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em 23/10/2022.

FERRARI, Anderson. CASTRO, Roney Polato de. “Nossa! Eu nunca tinha pensado nisso!” – Gênero, sexualidades e formação docente. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.3, n.7, p.69-83, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GANEM, C. M. **Estado laico e direitos fundamentais**. CM GANEM, & e. al. Constituição de 1988.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v.35, n.3, p. 20-29, 1995.

GOELLNER, Sivana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LISBOA, Manuel *et al.* **Violência e gênero** - Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra Mulheres e Homens. Lisboa: Coleção Estudos de Gênero, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Algumas possibilidades para a promoção de uma educação para a sexualidade. **Diversidade e Educação**, v.1, n.1, p. 45-46, 2013.

MEIRELES, Gabriela Silveira. **Tecnologia da formação docente no currículo dos blogs sobre alfabetização criados por professoras-alfabetizadoras**: saberes divulgados, relações de poder acionadas e sujeitos demandados. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de educação, Belo Horizonte, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e sexualidade: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Sivana Vilodre. (orgs) **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MLABs. **Algoritmo do Instagram**: como funciona, qual seu impacto e como usá-lo a seu favor. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/algoritmo-instagram>. Acesso em 05 jul. 2022.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**: introdução à linguística. São Paulo: Cortez, v. 2, n. 2, p. 101-142, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação & realidade**, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan./jul., 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves; SANTOS, Lucíola L. de C. Paixão. Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Culturas (GECC) FAE/UFMG. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; AMORIM, Antonio Carlos (Orgs.). Sentidos de currículo: entre linhas teóricas, metodológicas e experiências investigativas. Campinas, SP: FE/UNICAMP; ANPED, 2006.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.96, n.244, p.561-576, 2015.

SILVA, Talita R da. **“Pró-vida de quem?”**, 30 mar. 2012. Disponível em [\[http://blogueirasfeministas.com/2012/03/pro-vida-de-quem/\]](http://blogueirasfeministas.com/2012/03/pro-vida-de-quem/) e [\[http://blogueirasfeministas.com/author/talitar/\]](http://blogueirasfeministas.com/author/talitar/). Acesso em: 10 set, 2022

TEIXEIRA, Ricardo. Novas tecnologias e sociedade pedagógica: uma conversa com Michel Serres. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, fevereiro, 2000.

Disponível em

<https://www.scielo.br/j/icse/a/5VytR8wpmS3ZFSNTkVx3Bw/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 18 mar. 2022.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Recebido em maio de 2023.
Aprovado em agosto de 2023.